

Dr. Robert Vannoy , Kings, Palestra 5

© 2012, Dr. Robert Vannoy , Dr. Perry Phillips, Ted Hildebrandt

Reis e Crônicas Comparados e Contrastados, Problemas Sinópticos

F. Reis e Crônicas

1. A diferença de propósito e perspectiva teológica das crônicas

Ok, vamos para “F” “Reis e Crônicas”. “E” era “Uma Teologia Deuteronomista da História”. “F” é “Reis e Crônicas”. “1” é “A diferença de propósito e perspectiva teológica”. Como observamos, Kings é basicamente retrospectivo; ou seja, faz uma retrospectiva explicando ao povo no exílio o motivo de sua condição. Essa ênfase não exclui a apresentação da base para uma perspectiva de esperança em conexão com a restauração da casa davídica em cumprimento da aliança davídica. Mas a ideia de restauração voltada para o futuro está muito em segundo plano e não é o objetivo ou ênfase principal do livro. Crônicas é escrito depois de Reis. Os últimos versos de 2 Crônicas falam do Decreto de Ciro para permitir o retorno dos exilados a Jerusalém a fim de restabelecer-se em sua própria terra e reconstruir o templo.

Chronicles é, em contraste com Kings, não tanto retrospectivo quanto é prospectivo. Crônicas enfatiza aquelas coisas que forneceria uma base para que o povo que voltasse do exílio na época de Esdras e Neemias iniciasse o processo de reconstrução sobre uma base sólida. Archer diz em sua *Introdução*, página 389: “A ênfase do livro está naquilo que é sólido e válido no passado de Israel como fornecendo uma base confiável para a tarefa de reconstrução que está por vir”. Archer também observa na página 389, “que o propósito do cronista é mostrar que a verdadeira glória na nação hebraica foi encontrada em sua relação de aliança com Deus, conforme salvaguardado nas formas prescritas de adoração no templo e administradas pelo sacerdócio divinamente ordenado sob a proteção da dinastia divinamente organizada de Davi. Assim, o escritor está particularmente preocupado com Judá, Jerusalém, o templo, a linhagem de Davi, os reis e o sacerdote Zadoque. O interesse primário é o reinado de Davi e seus sucessores.

Isso fica claro desde o início, conforme visto nos materiais genealógicos encontrados em 1 Crônicas 1-9. O capítulo 1 traça a genealogia de Adão a Jacó. Então imediatamente a primeira tribo que é rastreada é Judá, que recebe mais espaço de qualquer tribo - de 2:1 a 4:23, 102 versículos. Dentro da tribo de Judá, a casa de Davi é enfatizada, com todo o capítulo 3 traçando suas gerações. Para as outras tribos comparativamente pouca atenção é dada: Rúben, 10 versículos; Gade, 5 versos; Oriente Manassés, 2 versículos; Issacar, 5; Dan, 11; Naftali, 2 versículos; oeste Manassés, 6; Efraim, 10; e Aser, 11.

Os reis do norte são mencionados apenas em conexão com os desenvolvimentos no Reino do Sul. Nenhuma menção é feita à queda do Reino do Norte, e isso é impressionante em Crônicas. O reinado do próprio Davi recebe tratamento extensivo em 1 Crônicas 10-29. Há cerca de 20 capítulos do reinado de Davi. No entanto, em todo esse material não há menção aos assuntos familiares e ao grande pecado de Davi. Isso é encontrado apenas em 2 Samuel 12-20. Em vez disso, a ênfase está em sua supremacia militar e em assuntos de interesse religioso, especialmente em relação a Jerusalém e ao templo. Isso deve ter sido de grande interesse e significado para Esdras e Neemias quando eles renovaram a aliança e tentaram colocar a adoração de Israel em seu devido lugar. Davi é apresentado como o exemplo *por excelência* do verdadeiro rei teocrático (1 Crônicas 17:14, 25, 29, 23), e é visto como um tipo do filho maior de Davi que viria conforme profetizado por Amós, Isaías, Jeremias e Ezequiel.

Outra ênfase que se torna aparente na história do Cronista é um termo que tem sido chamado de “Teologia da Retribuição”. A ideia é simplesmente que o pecado traz julgamento e obediência, ou justiça, traz prosperidade e paz. Essa ideia, é claro, é central para a aliança mosaica. Continua sendo importante para a comunidade pós-exílica. A intenção dessa ênfase parece ser encorajar a devoção de todo o coração ao Senhor aos requisitos rituais da lei mosaica e restabelecer a comunidade da aliança como um meio de experimentar a bênção de Deus sobre a nação. É assim que tanto Reis quanto Crônicas combinam ênfase nos temas das

alianças abraâmica e davídica, por um lado, bem como na aliança do Sinai, por outro.

Parece, no entanto, que em Reis, embora o foco principal seja a Aliança do Sinai, não exclui a promessa davídica. Enquanto em Crônicas a ênfase está na aliança davídica, isso não exclui a aliança mosaica. Eu acho que há uma ênfase no, você poderia dizer, Pacto Mosaico ou Pacto do Sinai em Reis, e do Pacto Davídico em Crônicas, mas nenhum com exclusão do outro. Em qualquer sequência de alianças do Antigo Testamento há diferentes ênfases, mas as alianças prometidas não são sem condições e as alianças da lei não são sem a promessa de Deus de nunca abandonar seu povo. Também não falta o propósito que ele pretende realizar por meio deles. As maldições não anulam a Aliança do Sinai; são as implementações de suas sanções. Em outras palavras, traz julgamento e até manda as pessoas para o exílio.

Isso não significa que o relacionamento deles foi abandonado ou destruído. É realmente uma evidência de que o relacionamento está em vigor porque é exatamente o que Deus disse. Se eles se afastarem dele, a maldição virá. Mas Deus disse que jamais abandonaria esse povo, por isso as maldições não anulam a aliança. Eles são as implementações das sanções da aliança do Sinai e são a implementação de suas sanções. Qualquer tentativa de entender esses livros que presume encontrar condições conflitantes nas teologias das várias alianças do Antigo Testamento distorce a mensagem dos livros, bem como a unidade das alianças do Antigo Testamento. Ambos os livros refletem a ênfase da promessa e da lei, ao mesmo tempo em que dão destaque a diferentes aspectos dela. Isso toca em uma questão não apenas entre a relação de Reis e Crônicas, mas também entre a coisa da História Deuteronomista e a concepção de von Rad dela, onde ele coloca essa tensão entre essas alianças. Parece-me que não devemos vê-los como uma tensão - o Sinai e as alianças davídicas - mas eles trabalham juntos.

Com alguns dos reis que não eram particularmente bons, Deus ainda os abençoou, o que é uma manifestação de sua graça que acho bom aprender. O outro

lado também costuma ser verdadeiro; alguém pode se voltar contra Deus, e esse julgamento virá, mas pode ser adiado; pode não ser imediato. Mas acho que geralmente você vê esse trabalho também.

2. Os problemas sinóticos entre Reis e Crônicas Tudo bem, “2” “Os problemas sinóticos”. Como é bem sabido, Reis e Crônicas contêm muito material em relatos paralelos. A lista de passagens paralelas pode ser encontrada em Young's *Introduction to the Old Testament*, p. 395, ou em *Harmony of Kings, Chronicles, and Samuel*, de Crockett, listado em sua bibliografia. Frequentemente, as passagens do Cronista contêm os contos que não se encontram em Reis, e muitas vezes o arranjo de material semelhante em Crônicas é diferente. Em outros casos, a concordância entre os dois textos é quase palavra por palavra.

Quando Crônicas é aceito como um registro histórico autêntico e parte do cânon do Antigo Testamento, isso significa que as passagens devem ser entendidas como complementares e não contraditórias. Quando surgem pontos de divergência, ou mesmo de conflito, deve-se buscar uma interpretação que leve em conta todos os dados sem construir harmonizações simplistas por um lado, mas sem cair em um método de abordagem que prejudique a credibilidade histórica de Reis ou de Crônicas por outro lado. Incluído em consideração a todos os dados está a possibilidade de corrupção na transmissão do texto de Reis, Crônicas ou ambos.

Por exemplo, encontramos diferenças nos numerais em Crônicas daqueles em Reis. Veja a discussão na *Introdução* de Young. As diferenças de numerais entre os dois livros é um dos pontos mais marcantes de desacordo. Parece, na maioria dos casos, envolver corrupção textual.

Existem muitas outras diferenças, no entanto, que levaram muitos intérpretes a adotar uma visão muito baixa da confiabilidade da historiografia de Reis e Crônicas. Não temos tempo para examinar todas as supostas discrepâncias ou mesmo onde elas ocorrem. Você pode verificar o livro como *Discrepâncias*

Alegadas de Hailey *na Bíblia* para exemplos.

Conflitos entre 1 Reis 9:11 e 1 Crônicas 8:2, por exemplo Mas deixe-me mencionar apenas um desses exemplos. Em seu livro *Você entende o que lê*, HM Kuitert diz, página 14-15 “Se a Bíblia é a palavra de Deus, devemos pelo menos supor que tudo o que está escrito nela aconteceu como a Bíblia descreve?” Obviamente, para ele a resposta é não. Naturalmente, muito do que a Bíblia nos conta aconteceu exatamente como a Bíblia conta, mas algumas coisas foram registradas que não aconteceram da maneira como foram contadas. Tome alguns exemplos do Antigo Testamento. Em 1 Reis 9:11 e seguintes, somos informados de que Salomão deu vinte cidades israelitas ao rei Hiram. As cidades eram cidades do norte da Galiléia e não tinham importância para Salomão. Mas em 1 Crônicas 8:2 descobrimos que Hiram deu essas cidades a Salomão.

Vejam o texto de 1 Reis 9:11: “O rei Salomão deu vinte cidades da Galiléia a Hirão, rei de Tiro, porque Hirão lhe fornecera todo o cedro, pinho e ouro que desejava. Mas quando Hiram saiu de Tiro para ver as cidades que Salomão lhe dera, ele não gostou. ‘Que tipo de cidades são essas que você me deu, meu irmão?’ ele perguntou. E ele os chamou de Cabul. [que, como diz a nota da NVI, soa como o hebraico para “bom para nada”], um nome que eles têm até hoje.

Agora, compare isso com 2 Crônicas 8:2: “Salomão reedificou as aldeias que Hirão lhe dera e estabeleceu nelas os israelitas.” Agora, para continuar onde Kuitert continua, ele diz: “Essas ilustrações” [ele deu essa e várias outras, mas essa é a que estamos vendo, já que é sobre Reis e Crônicas] ele diz: “Essas ilustrações nos forçam a fazer uma pergunta simples, qual escritor conta as coisas como elas realmente aconteceram, o escritor de Reis ou o escritor de Crônicas, ou nenhum dos dois? Em todo caso, se estamos preocupados com a precisão histórica, não podemos encontrá-la em ambos os escritores. As coisas não podem ter ocorrido exatamente como Reis e Crônicas. Dizer que a Bíblia é a palavra de Deus não pode significar que todos os seus escritores relatam as coisas

exatamente como elas acontecem.”

Agora, voltando a essa pergunta, o que *fazemos* com esse texto? Na *Bíblia de Estudo NVI*, em 1 Reis 9:11, a nota que escrevi ali diz o seguinte: “A comparação dos versículos 10-14 com 5:1-12 sugere que, durante os 20 anos de atividade de construção de Salomão, ele se tornou mais endividado com Hiram do que previsto em seu acordo original (ver nota em 5:9), que previa o pagamento pelo trabalho. Isso está em 5:6, e madeira em 5:10-11. A partir dos versículos 11 e 14, fica evidente que, além da madeira e do trabalho, Salomão também havia adquirido grandes quantidades de ouro de Hiram”. Você vê que diz no versículo 11 que Hiram o forneceu com cedro, pinho e ouro. 2 Crônicas 8:1-2 indica que em alguma data posterior, quando as reservas de ouro de Salomão foram aumentadas - talvez o retorno das explorações de Ofir ou a visita da Rainha de Sabá - ele liquidou sua dívida com Hiram e recuperou os 20 cidades mantidas como garantia.” Parece-me que ele deu as 20 cidades para Hiram em um ponto porque ele lhe devia um dinheiro que não podia pagar, mas depois, quando ele conseguiu pagar, ele recuperou as cidades. O texto não deixa tudo claro, mas é uma suposição razoável quando você junta *todos* os dados envolvidos. Não acho que haja necessidade de concluir que existe uma contradição fundamental entre Reis e Crônicas.

É difícil construir uma cronologia. A ênfase aqui está neste ouro. O próximo versículo é como Hiram enviou os 120 talentos de ouro, isso está em 1 Reis 9:14. Parece-me que as cidades podem ter sido garantias para o ouro, mas é uma suposição, admito. Acho que o ponto é que não há necessidade de concluir que existe uma contradição. Existem maneiras de entender ambas as declarações sem chegar à conclusão de que Reis ou Crônicas estão errados.

Portanto, parece-me que esse é o tipo de coisa que deve ser buscada em lugares onde parece haver um conflito entre os dois livros. Em alguns casos, pode não haver informações ou evidências suficientes para resolver a dificuldade. Em tais casos, isso deve ser prontamente admitido sem uma atitude defensiva que

sugira que a visão de alguém sobre a confiabilidade do Antigo Testamento depende da confiabilidade da resolução de cada questão desse tipo. Acho que, no que diz respeito à sua abordagem, você não precisa resolver todos os problemas para manter uma visão elevada das Escrituras. Se você não tem as informações para resolvê-lo, você o deixa como um problema. Se você não tem informações suficientes para resolvê-lo, admita que não. Deixamos sem solução. Não há nada de errado com isso.

Continuando, há um sentido em que o cronista idealiza, não de maneira imprópria, mas de maneira adequada, Davi como um tipo de Cristo. Chronicles nem sequer menciona o incidente de Bate-Seba. Ele passa por cima. Mas, ainda assim, tenha cuidado até onde você vai com isso. Eu não acho que o Cronista está mudando a história, ele está apenas deixando de fora. Nesse caso, o Cronista não diz nada sobre as cidades não serem muito boas, enquanto Kings diz que ele deu a ele essas cidades sem valor.

Reis e Crônicas podem abordar isso de uma perspectiva diferente, mas é como os relatos dos evangelhos: Mateus aborda a vida de Cristo de uma perspectiva e Lucas de outra, diferente. Isso não significa que eles não sejam igualmente válidos, mas existem diferentes perspectivas.

Tudo bem, parece-me que não temos necessariamente que resolver todas essas coisas. É melhor deixar algumas dificuldades de pé do que oferecer harmonizações implausíveis e simplistas. Acho que muitas dessas harmonizações simplistas que têm sido oferecidas podem fazer mais mal do que bem. É melhor dizer que não sabe do que apenas construir artificialmente alguma harmonização.

Diferentes Perspectivas sobre o Mesmo Evento Histórico Há uma edição do boletim informativo *ICBI Update*. Esse foi o Conselho Internacional de Inerrância Bíblica. Ele operou por 10 anos e completou seu trabalho para promover a causa da inerrância bíblica. O boletim deles se chamava *Update*, e nele Norman Geisler observa que Kenneth Kantzer conta a história de receber dois relatórios de

testemunhas oculares sobre a morte de um amigo. Já mencionei isso na História do Antigo Testamento antes. Primeiro relato: ela estava parada em uma esquina, foi atropelada por um ônibus, ficou ferida, mas não morreu, e morreu algum tempo depois. Segundo relato : ela estava andando de carro. O carro foi atingido, ela foi arremessada para fora do carro e morreu instantaneamente. Geisler diz que os relatórios foram recebidos de testemunhas oculares confiáveis. Eles são aparentemente contraditórios, embora não sejam absolutamente contraditórios. Existem explicações possíveis, mas nenhuma delas parece plausível. Mais tarde, Kantzer aprendeu por que devemos confiar nas testemunhas oculares e acreditar em nosso princípio básico de que a Bíblia não contém erros. Ele soube disso: ela estava parada em uma esquina, foi atropelada por um ônibus, ficou ferida, mas não morreu. Ela foi apanhada por um motorista, um bom samaritano, que acelerou para o hospital. Seu carro foi atingido, ela foi jogada para fora do carro e morreu instantaneamente. Ambos os relatórios eram literalmente verdadeiros. Se você não conhecesse os antecedentes, olharia para eles e diria que são contraditórios. A lição é que devemos confiar nas testemunhas oculares mesmo quando elas entram em conflito.

Negando a historicidade do problema da Bíblia Estamos dois mil anos ou mais atrasados para reconciliar todos os problemas da Bíblia porque provavelmente nunca em nossa vida obteremos as informações necessárias para resolver todos os problemas. Há muitas coisas para as quais as informações necessárias foram perdidas e não estão disponíveis para nós. Se tivéssemos todas as informações, isso resolveria essas questões. Sempre que possível, devemos sugerir possíveis interpretações que resolvam as dificuldades aparentes. Em alguns casos, devemos deixar certas dificuldades permanecerem sem oferecer uma comunicação superficial sem evidências substanciais, por um lado, e sem capitular a posição que põe em risco a credibilidade das Escrituras, por outro lado.

Esta última tentação deve ser evitada completamente para que não leve a

distinções arbitrárias entre aquelas partes da Escritura que podemos confiar como historicamente confiáveis e aquelas partes que não podemos. Depois de começar a trilhar esse caminho, não há como separar, traçar a linha e dizer: Bem, isso aconteceu, mas não aconteceu. Há muitos esforços para isso. Parece-me que muitas pessoas dizem isso, mas esse argumento deveria ser chamado de argumento da “ladeira escorregadia”. Uma vez que você começa, fica cada vez mais longe da verdade. Não é uma abordagem válida e acho que seu resultado final é uma perda inevitável da verdade, e isso é certamente algo que você precisa estar ciente se for seguir essa direção. Você pode dizer: Bem, são apenas pequenos detalhes, não são importantes. Mas então você vai um pouco mais longe com isso. A história tem mostrado que as pessoas começam com isso e depois se desviam cada vez mais. Geralmente os alunos vão muito mais longe nisso do que seus professores, e então, na terceira geração, eles desistem no que diz respeito a manter uma visão histórica das Escrituras.

Artigo de Dillard sobre Discronologização

Uma palavra de cautela aqui é necessária com relação à posição que parece ser sugerida, embora hesitante, por Ray Dillard em seu artigo “Um exemplo do método teológico do cronista”, em *The Journal of the Evangelical Theological Society*, volume 23. Se você leu isso, saberá do que estou falando. Se você não leu, tente ler porque acho que é um exemplo desse tipo de problema e algo que vale a pena olhar. Embora Ray levante questões legítimas em seu artigo, há alguns problemas difíceis ali, e mesmo que as respostas para suas questões possam não ser prontamente aparentes, parece-me que ele oferece uma posição metodologicamente perigosa ao sugerir que os escritores da história bíblica podem têm a liberdade de utilizar erros factuais para reforçar seu propósito teológico. Agora, ele não sai com tantas palavras e diz isso, mas ele meio que sugere isso por meio de perguntas. Você sai da leitura do artigo pensando que essa é a solução que ele acha que tem mais a dizer, pelo menos é assim que leio o artigo.

Esta, em princípio, é a metodologia levada ao extremo por Gerhard von Rad e muitos outros estudiosos que utilizam o método histórico-crítico. Parece-me que a distinção entre “descronologização”, que é um termo que eles usam, quando ambíguo, e erro cronológico quando explícito e errôneo, deve ser mantida para que não caiamos na posição de aceitar o erro histórico na narrativa bíblica.

Se você leu o artigo, sabe do que se trata essa descronologização. Às vezes, você pode obter material nas escrituras que não está organizado em ordem cronológica. Está organizado em algum tipo de ordem lógica para um propósito ou outro, qualquer que seja para o escritor. Agora, se essa descronologização, não colocando em ordem cronológica, é ambígua, então não há problema nisso. Um escritor pode organizar materiais fora da ordem cronológica para fazer um ponto. Quero dizer, ele não distorceu nada se não indicou especificamente a sequência de tempo. Mas estamos falando de uma descronologização que é errônea. Se alguém vai reorganizar o material e dizer que isso aconteceu aqui, e aquilo aconteceu a seguir e então a outra coisa aconteceu quando não foi assim que aconteceu nessa ordem, isso leva você a um erro factual. Parece-me que o artigo de Dillard sugere que o Cronista está usando esse tipo de método. Pelo menos ele levanta a questão: não é esta a melhor forma de resolver o problema? Há um problema difícil e não sei qual é a resposta para o problema. O que estou dizendo é que não queremos ir na direção de Dillard para resolver o problema, pois acho que você perde muito mais do que ganha.

Portanto, existem esses problemas sinóticos, pode-se dizer, em Reis e Crônicas, e também se estende a paralelos em Samuel. Então você tem o problema sinótico no Antigo Testamento como você tem nos Evangelhos do Novo Testamento, e o problema sinótico com os evangelhos é um longo tipo de discussão. Como você harmoniza essas coisas? Algumas temos que deixar em aberto porque não temos informações suficientes, e temos que deixar por isso mesmo. Esse é o fim do meu folheto.

Análise de McConville dos 2 estágios da história deuteronomista Vejo que temos dois minutos restantes. Achei que iríamos mais longe nesta noite. Eu não mencionei o artigo de McConville que eu queria que você lesse hoje também. Deixe-me apenas dizer o seguinte: McConville interage com a teoria atual sobre a composição dos Reis que sugere que há uma redação dupla ou dupla da história deuteronomista. Supõe-se que a história original deuteronomista tenha sido escrita na época de Josias. A original era muito positiva e otimista, mas isso foi antes da destruição de Jerusalém em 586 aC A segunda edição da história deuteronomista foi escrita na época do exílio. O segundo editor deuteronomista enfatizou a ênfase negativa que você encontra. Essa é uma teoria comum - é uma redação dupla.

McConville diz que sente que há um único autor e sugere que, desde o início, você tenha dicas de que a realeza é falha e acabará levando ao exílio. Você consegue isso desde o início, desde o tempo de Salomão. Acho que ele está certo nisso. E ele aponta que mesmo as reformas - quando você pensa na reforma de Ezequias e na reforma de Josias - mesmo as reformas são decepcionantes, diz ele. E então a questão que realmente parece surgir ao longo do livro dos Reis é se algum rei pode realmente prover algum tipo de salvação permanente, ou bênção, ou libertação. Ou é por causa da questão do pecado e da inerente incapacidade do homem de viver de acordo com os padrões de Deus. Deus estabeleceu algo que, em última análise e inevitavelmente, levaria ao exílio, e é isso que o escritor de Reis está tentando desenvolver.

Eu acho que ele está certo no alvo lá. Eu acho que é uma espécie de pano de fundo que você pode dizer, ou um contraste, para o que você encontra particularmente nos profetas. E claro, os profetas estavam escrevendo durante este período e você vê isso na espiral descendente do reino que eles descreveram. Os profetas começam a dizer que no futuro haverá um rei que se sentará no trono de Davi, que cumprirá o ideal e trará um reino de justiça e paz. Mas este não será apenas um homem, ele será um homem-Deus. Ele será o descendente da virgem e será chamado de “Deus conosco” ou “Emanuel”.

Então acho que essa é a ideia básica. Acho que voltaremos a esse tipo de ideia quando entrarmos no conteúdo do próprio livro de Reis, e acho que há muito a ser dito aqui e talvez até elaborado em Reis.

Rough editado por Ted Hildebrandt
Edição final pelo Dr. Perry Phillips
Re-narrado pelo Dr. Perry Phillips